

Amanda Moreira de Amorim
Maria Helena de Paula

NEGRINHA, COISA HUMANA: O LÉXICO REFERENTE ÀS PERSONAGENS NEGRINHA E DONA INÁCIA NO CONTO DE MONTEIRO LOBATO

RESUMO

Neste artigo, analisamos o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato (1976), publicado originalmente em 1920, objetivando demonstrar a oposição entre a representação da personagem Negrinha, menina órfã, filha de uma ex-escrava, e Dona Inácia, sua patroa, que a cria sob um regime autoritário e cruel. Para tanto, tomamos como ponto de análise o léxico referente às duas personagens, apoiando-nos em autores que abordam a teoria lexical, como Biderman (1987), e a Estilística Léxica, como Martins (1989) e Cardoso (2013). As lexias inventariadas no conto em questão foram organizadas em cinco campos lexicais, segundo teoria proposta por Coseriu (1977): *descrição física, condição social, personalidade, apelidos e castigos*. Para as análises, cotejamos as lexias dos cinco campos nos dicionários eletrônicos Ferreira (2004) e Houaiss (2009), e em materiais teóricos suplementares, como Malheiro (2014 [1866]) e Vasconcelos (2012), para tratarmos brevemente acerca do passado escravocrata brasileiro e Almeida *et al.* (2017), para conceituar a característica *mulata* atribuída à Negrinha. Com os resultados das análises, comprovamos que as escolhas lexicais ao longo do conto revelam que há distinções bastante evidentes entre as duas personagens, pertencentes a realidades sociais completamente opostas e cultural e historicamente definidas.

Palavras-chave: Estilística Léxica. Lexicologia. Monteiro Lobato.

NEGRINHA, HUMAN THING: THE LEXICON REFERRING TO CHARACTERS NEGRINHA AND DONA INACIA IN MONTEIRO LOBATO'S SHORT STORY

ABSTRACT:

In this article, we analyze Negrinha's short story, by Monteiro Lobato (1976), originally published in 1920, in order to demonstrate the opposition between the representation of the character Negrinha, an orphan girl, daughter of an ex-slave woman, and Dona Inacia, her lady, who creates her under an authoritarian and cruel regime. For that, we take as a point of analysis the lexicon referring to the two characters, supporting us in authors that discuss the lexical theory, like Biderman (1987), and the Lexical Stylistics, like Martins (1989) and Cardoso (2013). The lexes inventoried in the story were organized in five lexical fields, according to the theory proposed by Coseriu (1977): *physical description*, *social condition*, *personality*, *nicknames* and *punishments*. For the analysis, we compare the lexes of the five fields in the electronic dictionaries Ferreira (2004) and Houaiss (2009), and in supplementary theoretical materials such as Malheiro (2014 [1866]) and Vasconcelos (2012), to briefly discuss the Brazilian slavery's period and Almeida *et al.* (2017), to conceptualize the mulatto characteristic attributed to Negrinha. With the results of the analysis, we verified that the lexical choices throughout the story reveal that there are many evident distinctions between the two characters, belonging to completely opposite social and cultural and historically defined realities.

Keywords: Lexical stylistics. Lexicology. Monteiro Lobato.

NEGRINHA, COSA HUMANA: EL LÉXICO REFERENTE A LOS PERSONAJES NEGRINHA Y DONA INACIA EN EL CUENTO DE MONTEIRO LOBATO

RESUMEN:

En este artículo, analizamos el cuento Negrinha, de Monteiro Lobato (1976), publicado originalmente en 1920, con el objetivo de demostrar la oposición entre la representación del personaje Negrinha, niña huérfana, hija de una ex-esclava, y Doña Inacia, su patrona, que la crea bajo un régimen autoritario y cruel. Para ello, tomamos como punto de análisis el léxico referente a los dos personajes, apoyándonos en autores que abordan la teoría léxica, como Biderman (1987), y la Estilística Léxica, como Martins (1989) y Cardoso (2013). Las lexias inventariadas en el cuento en cuestión fueron organizadas en cinco campos lexicales, según la teoría propuesta por Coseriu (1977): *descripción física*, *condición social*, *personalidad*, *apodos* y *castigos*. Para los análisis, cotejamos las lexias de los cinco campos en los diccionarios electrónicos Ferreira (2004) y Houaiss (2009), y en materiales teóricos suplementarios, como Malheiro (2014 [1866]) y Vasconcelos (2012), para tratar brevemente acerca del pasado esclavo y Almeida *et al.* (2017) para conceptuar la característica mulata atribuida a Negrinha. Con los resultados de los análisis, comprobamos que las elecciones lexicales a lo largo del cuento revelan que hay distinciones bastante evidentes entre los dos personajes, pertenecientes a realidades sociales completamente opuestas y culturales e históricamente definidas.

Palabras clave: Estilística Léxica. Lexicología. Monteiro Lobato.

1 PALAVRAS INICIAIS

O regime escravocrata brasileiro, vigente entre os séculos XVI e XIX, deixou profundas marcas na história e na cultura do país, visto os mais diversos materiais que registram, de algum modo e sob diferentes perspectivas, o período em questão. Dentre esses materiais, deparamo-nos com numerosas obras literárias que abordam os escravos e seus descendentes que viveram nesta terra, sejam elas redigidas no século XIX, como as obras do poeta brasileiro Castro Alves, no século XX, como os contos de Monteiro de Lobato, e ainda no século XXI, como *A Herança Africana no Brasil*, de Daniel Esteves (2015), e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo (2006).

Diante dessas possibilidades e outras tantas de material de estudo sobre o tema das africanidades na literatura brasileira, optamos por analisar o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato (1976), publicado originalmente em 1920, em seu livro de título homônimo. A história centra-se na personagem Negrinha, menina órfã, filha de uma ex-escrava, que vive sob os cuidados de Dona Inácia. A senhora a cria sob um regime de abusos físicos e psicológicos, repleto de pontapés, “cocres”, puxões de orelhas e outros castigos violentos, além de xingamentos de toda sorte. Em seu trato à negrinha, veem-se vestígios do antigo regime escravocrata que coadunam com o fato de Dona Inácia ter sido senhora de escravos.

Nossa análise, então, tem como objetivo demonstrar a oposição entre a representação das duas personagens supraditas, por meio do léxico referente a elas, fundamentando-nos em autores que abordam a teoria lexical, como Biderman (1987), bem como autores que discorrem acerca da Estilística Léxica, como Martins (1989) e Cardoso (2013).

Para tanto, iniciamos o percurso metodológico com a leitura minuciosa do conto retrorreferido, selecionando as lexias que compõem nosso *corpus* de trabalho, apenas as que se relacionam às personagens, com o cuidado de verificarmos os sentidos dos itens lexicais em seus contextos de uso no texto. Para a análise dos dados inventariados, optamos por sua divisão em campos

lexicais, segundo teoria proposta por Coseriu (1977), o que nos rendeu cinco campos, intitulados *descrição física, condição social, personalidade, apelidos e castigos*. Em cada campo, analisamos as relações semânticas das lexias inventariadas à luz da lexicologia e da estilística lexical, uma vez que

As palavras selecionadas podem revelar valores ideológicos, retratar o conjunto da experiência humana acumulada, assim como práticas sociais e culturais, já que é no léxico que se veem representadas, de forma mais objetiva, as visões de mundo dos sujeitos participantes da prática discursiva (CARDOSO, 2013, p. 27).

A escolha do *corpus* a ser trabalhado neste artigo, o léxico de um conto literário, pode nos proporcionar novas interpretações acerca da relação entre língua e cultura, partes fundamentais na construção da história de uma sociedade. Ademais, pareceu-nos pertinente discutir como as escolhas lexicais do conto revelam uma realidade que, infelizmente, ainda perdura em nosso país: a violência contra crianças, sobretudo aquela motivada por questões raciais.

Com o fito de atingir o objetivo supra apresentado, este artigo se divide em três partes distintas. A primeira apresenta uma breve biografia de Monteiro Lobato, autor do conto analisado e importante escritor brasileiro do período pré-modernista. No segundo segmento, constam as bases teóricas as quais fundamentaram as análises construídas em nossa pesquisa e, por fim, a última parte exhibe nossos dados, arrolados em campos lexicais anteriormente mencionados, seguidos de suas respectivas análises.

2 EVOCANDO MONTEIRO LOBATO

“Foi principalmente através de jornais e livros que o nome de Monteiro Lobato se espalhou pelo Brasil inteiro e até, um pouco, pelo exterior” (Nunes, 2009, p. 5). De nome José Bento Monteiro Lobato, o aclamado escritor brasileiro ficou conhecido, principalmente, por sua famosa série *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, lançada

entre os anos de 1920 e 1947. Apesar de seu sucesso estar atrelado a uma coleção infanto-juvenil, gênero em que foi pioneiro, Monteiro Lobato atuou no universo literário como um todo, publicando, também, obras direcionadas ao público adulto (Lobato, 2009).

Durante sua vida, o escritor sempre nutriu uma paixão por artes plásticas, mas iniciou carreira no mundo do Direito, ainda que por pouco tempo. Após seu adentramento no mundo das Letras, colaborou com as imprensas paulista e carioca e, a partir de sua atuação no jornal *O Estado de S. Paulo*, organizou seu primeiro livro, intitulado *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* (1917), oriundo de uma pesquisa de opinião pública com leitores, conforme consta na parte do Projeto Memória (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 1998) destinada a Monteiro Lobato.

No ano seguinte, em 1918, Lobato publicou seu primeiro livro de contos, denominado *Urupês* (1918), obra destinada ao público adulto, considerada sua obra-prima e um clássico da literatura brasileira (Lobato, 2009). Seu primeiro livro infanto-juvenil foi lançado dois anos depois, em 1920, sob o título de *A menina do narizinho arrebitado* (1920). Nesse mesmo ano, o autor publicou a compilação de contos *Negrinha* (1920), obra da qual advém o conto de estudo desse artigo.

Nas primeiras décadas de 1900, o movimento literário no Brasil não demonstrava toda intensidade que teria posteriormente, até mesmo em São Paulo, com sua importância econômica e política. Com seus escritos, “Lobato trouxe uma expressão literária nova para São Paulo e mesmo para o país” (Nunes, 2009, p. 12). Seu reconhecimento é tamanho que Oswald de Andrade, importante escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro, declara que Monteiro Lobato iniciou o modernismo no Brasil, com sua obra *Urupês* (1918), conforme expressa Nunes (2009) em sua obra *Monteiro Lobato: editor do Brasil*.

Ao findar de sua carreira, em decorrência de seu falecimento em julho de 1948, Monteiro Lobato deixou seu legado em 68 obras publicadas, dentre livros infantis, infanto-juvenis e adultos, além de ter colaborado para a

indústria literária brasileira com traduções e adaptações de livros infantis de diferentes autores estrangeiros.

3 OS CAMINHOS TEÓRICOS

De acordo com Biderman (1987), o léxico das línguas naturais se dá a partir do processo de nomeação das coisas, sendo as palavras a cristalização, em signos linguísticos, de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência. Tais palavras, conforme a autora, são como rótulos utilizados pelos homens para interagirem cognitivamente com o meio e entre si.

O léxico de uma língua natural carrega as tramas históricas e sociais do povo que a usa; está prenhe das dinâmicas da vida e das práticas culturais daqueles que a utiliza e, por isso, porque pode ser identificado como patrimônio vocabular das comunidades linguísticas (Biderman, 1987). Como um subsistema linguístico, o léxico se estrutura em unidades e regras próprias. Para este artigo, realizamos o inventário e a análise dos componentes discursivos do léxico, as lexias referentes às personagens Negrinha e Dona Inácia, protagonistas no conto de Monteiro Lobato. Assim, torna-se necessário definir, à luz da lexicologia, o que compreendemos por *lexia*.

Os *lexemas*, unidades léxicas abstratas da língua que constituem o rol das possibilidades de signos significativos, são constituintes imediatos das *lexias*, que são essas possibilidades em uso no discurso, no plano sintagmático. Ante a variedade do uso, as *lexias* podem ser *simples*, *compostas* ou *complexas*, quando estruturadas em um único segmento, estruturadas por mais de um segmento ou por estruturas frasais, próprias de provérbios e ditos.

Após a seleção das lexias, tanto simples quanto compostas que se referem às personagens aqui exploradas, optamos por segmentar os resultados alcançados em campos lexicais, fundamentando-nos, principalmente, na teoria apresentada por Coseriu (1977), que os define da seguinte maneira:

O campo léxico é uma estrutura paradigmática primária do léxico; mais ainda: é, neste

domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode definir-se como ‘paradigma constituído por unidades léxicas de conteúdo (<<lexemas>>) que se dividem em uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição imediata umas com as outras²¹ (COSERIU, 1977, p. 211, tradução nossa).

Em nosso estudo, organizamos as lexias inventariadas em cinco campos, considerando seus valores semânticos similares, por pertencerem a uma mesma rede de significação dentro do sistema linguístico. Na medida em que as personagens são apresentadas em oposição, as lexias apontam os sentidos distintos a cada uma delas, mas estão em um mesmo campo, como o campo das *descrições físicas* que, embora trate-se de referentes distintos, fazem parte de uma mesma zona de significação.

Biderman (1987, p. 84) também aborda as categorias semântico-lexicais, ao afirmar que “cada língua tem o seu próprio sistema classificatório”. Em decorrência dos extensos acervos lexicais das línguas naturais, como no caso do português, a autora supõe que o cérebro do falante organiza os lexemas de grande funcionalidade em estruturas lógicas, segundo padrões hierárquicos e sistemáticos.

Optamos pela análise lexical porque o léxico é “[...] prenhe de informações históricas das civilizações presentes em textos orais e/ou escritos, haja vista que ele é o responsável pela representação do real na língua, intermediando, assim, a relação do homem com o seu meio” (Xavier, 2012 p. 470). Nossa análise fundamenta-se, também, nos postulados da Estilística Léxica, buscando investigar as escolhas lexicais feitas pelo autor “[...] dentre os elementos linguísticos disponíveis, verificando-se de que maneira se consegue com ela efeitos estéticos e expressividade [...]” além de “[...] verificar a

expressividade obtida com a escolha das palavras, seja por sua flexão, por sua formação, por sua classificação, pelo seu significado no contexto” (CARDOSO, 2013, p. 16-17).

Dentre as diversas vertentes da ciência estilística, valemo-nos da estilística léxico-semântica, também denominada léxico-estilística. Parente (2008, p. 91) pontua que esta perspectiva estuda a seleção vocabular, em conjunto com “[...] os fenômenos de conotação e polissemia, referentes aos valores afetivos, emotivos, ou socialmente convencionais que se aderem à significação das palavras”. Desta maneira, a estilística léxico-semântica nos permite a exploração vocabular do material selecionado para estudo, em nosso caso *Negrinha*, de Monteiro Lobato (1976), auxiliando-nos a compreender a construção de Negrinha e Dona Inácia no decorrer do texto, pois as escolhas lexicais feitas pelo autor foram determinantes para a composição das identidades de cada uma das personagens.

4 NEGRINHA E DONA INÁCIA: OS CAMPOS LÉXICO-SEMÂNTICOS

Na seleção dos dados, identificamos o uso de lexias simples e compostas que se referem às personagens centrais da trama, uma vez que o autor não se valeu de lexias compostas para este fim. O inventário nos rendeu, então, cinco campos lexicais, denominados: *descrição física, condição social, personalidade, apelidos e castigos*.

Nos tópicos abaixo, serão apresentados e analisados os campos léxico-semânticos elaborados na forma de quadros, os quais contêm as lexias selecionadas, com seu número de ocorrências e página de localização, seguidas de breves abonações extraídas do conto, com o intuito de se atestar seus significados em pleno uso no discurso.

O CAMPO LEXICAL CONDIÇÃO SOCIAL

Quadro 1 - O campo lexical condição social.

Personagens	Lexias	Abonações
Negrinha	Pobre órfã (02 ocorrências – p. 3 e 6)	“Negrinha era uma pobre órfã de sete anos.”
	Pobre carne (01 ocorrência – p. 4)	“Sua pobre carne exercia para os cascudos, ”cocres” e beliscões [...]”
	Coisa humana (01 ocorrência – p. 8)	“Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma.”
	Coisa (02 ocorrências – p. 8)	“Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!”
	Gato sem dono (02 ocorrências – p. 4 e 8)	“Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono [...]”
	Carnezinha de terceira (01 ocorrência – p. 9)	“A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira [...]”
Dona Inácia	Rica (01 ocorrência – p. 3)	“Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres [...]”
	Dona do mundo (01 ocorrência – p. 3)	
	Patroa (06 ocorrências – p. 3, 5, 6, 7 e 8)	“Excelente senhora, a patroa.”

Fonte: as autoras (2018).

Esse campo léxico-semântico ilustra a evidente distinção social entre as duas personagens. Negrinha, filha de mãe escrava e nascida na senzala, é representada como *coisa* e *coisa humana*, consequência de sua ligação direta com o passado escravocrata brasileiro. Malheiro (2014 [1866]) expõe que o homem, a partir do momento em que é reduzido à condição de coisa, estando sob domínio ou posse de outrem, assim como ocorria com os escravos, é privado de todos os seus direitos. Vasconcelos (2012, p. 139) corrobora para essa assertiva ao exprimir que, enquanto coisa, “o escravo não era sujeito de direito, apenas objeto [...]”. Podemos, então, presumir que a criança era tolhida de seus direitos, ainda vista sob o olhar do antigo sistema escravista.

Negrinha é taxada como *pobre órfã*, em decorrência da morte de sua mãe, e é criada como *gato sem dono* por Dona Inácia. Ambas as expressões demonstram que a menina vivia abandonada, por vezes maltratada, submetida a condições de extrema pobreza, ainda que Dona Inácia fosse *rica*, portadora de uma condição socialmente elevada, com sua influência e poder levand

do-a a ser representada como *dona do mundo*. Em direção contrária, são conferidas a Negrinha as expressões *pobre carne* e *carnezinha de terceira*, as quais atestam a situação de demasiada pobreza.

À Dona Inácia cabe a alcunha de *patroa*. De acordo com o Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (Ferreira, 2004), esta lexia refere-se ao “tratamento dado a uma senhora por pessoas de condição social inferior” e para *patrão*, forma masculina de *patroa*, o supradito dicionário oferece-nos, ainda, a seguinte acepção “o dono da casa em relação aos empregados domésticos, ou outros; amo, senhor”. No decorrer do conto, essas assertivas se comprovam, ao observarmos que a mulher é assim chamada por suas criadas, todas pertencentes a uma classe social distinta e inferior a sua.

5 O CAMPO LEXICAL DESCRIÇÃO FÍSICA

Quadro 2 - O campo lexical descrição física.

Personagens	Lexias	Abonações
Negrinha	Fusca (01 ocorrência – p. 3)	“Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.”
	Mulatinha escura (01 ocorrência – p. 3)	
	Cabelos ruços (01 ocorrência – p. 3)	
	Olhos assustados (01 ocorrência – p. 3) / olhos eternamente assustados (01 ocorrência – p. 4) / susto nos olhos (01 ocorrência – p. 4) / olhos ainda de susto e terror (01 ocorrência – p. 8)	
	Magra (01 ocorrência – p. 4)	“Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.”
	Atrofiada (01 ocorrência – p. 4)	
	Sinais (01 ocorrência – p. 4)	“O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões.”
	Cicatrizes (01 ocorrência – p. 4)	
Vergões (01 ocorrência – p. 4)		
Pequena (01 ocorrência – p. 6)	“[...] tirou da água ‘pulando’ o ovo e zás! na boca da pequena.”	
[Olhos] nostálgicos, cismarentos (01 ocorrência – p. 8)	“[...] perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.”	
Dona Inácia	Gorda (01 ocorrência – p. 3)	“Gorda, rica, dona do mundo [...]”
	Olhos contentes (01 ocorrência – p. 5)	“Seus olhos contentes envolviam a misera criança [...]”

Fonte: as autoras (2018).

O campo léxico-semântico das descrições físicas reúne as lexias simples e compostas que descrevem os aspectos corporais das duas personagens. Este campo relaciona-se ao anteriormente analisado, intitulado *condição social*, uma vez que Negrinha é descrita como *magra, atrofiada e pequena*, enquanto Dona Inácia é caracterizada como *gorda*, traços distintivos que eventualmente decorrem da oposição *pobre e rica*, pois depreendemos que a criança era mal alimentada, mal cuidada, enquanto Dona Inácia consumia refeições fartas.

A correlação entre Negrinha e seu passado escravocrata, posto que nascera na senzala sendo filha de mãe escrava, é reafirmada quando a personagem é descrita como *fusca, mulatinha escura de cabelos ruços*. A primeira lexia refere-se à forma feminina do adjetivo *fusco*, descrito no Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (FERREIRA, 2004) como “escuro, pardo”. O dicionário traz, também, a seguinte acepção para esta lexia: “diz-se do gado de pelo escuro, preto”. Destarte, constatamos que essa lexia diz respeito à pele escura da personagem, assim como *mulatinha escura*. A menina não merecia de sua dona sequer ser reconhecida como preta ou negra, porque seria dar-lhe uma identidade na escala cromática da pele humana.

Almeida *et al.* (2017, p. 164) exprimem que “a nomeação de mulato é utilizada de forma unânime como uma fusão étnica entre um indivíduo de pele escura com outro de pele clara, mais comumente no nosso país, entre negros e brancos”, o que pode indicar a paternidade possivelmente branca de Negrinha. Para além disso, a lexia *mulato* pode carregar uma significação pejorativa para o sujeito ao qual era empregada. Os autores retrorreferidos expressam que os mulatos dispunham “de uma posição social incerta, pois a maioria nasceu sobre uma linha tênue entre estar livre e escravizada, alguns sendo mais afortunados que outros” (ALMEIDA *et al.*, 2017, p. 166).

No caso de Negrinha, essa linha tênue entre escravidão e liberdade é percebida na maneira com que Dona Inácia a cria, com hábitos derivados da época em que fora senhora de escravos. Essa criação rígida e abusiva deixa marcas físicas na criança, descritas no conto como *sinais, cicatrizes e vergões*, diretamente relacionadas ao campo lexical castigos, o qual será analisado nos próximos tópicos.

Outra oposição notoriamente existente nesse campo lexical é a que se refere aos olhos de ambas as personagens. Negrinha é descrita como portadora de *olhos assustados* e, mais ao final do conto, de *olhos nostálgicos e cismarentos*, enquanto à Dona Inácia são atribuídos *olhos contentes*, o que reforça a diferenciação dos lugares ocupados pelas duas no decorrer do texto de Lobato. Mais uma vez, o que a identificava ainda que negativamente, os olhos eternamente de susto e terror, é também retirado da pequena, pois “[...] perdera a expressão de susto que tinha nos olhos”.

6 O CAMPO LEXICAL PERSONALIDADE

Quadro 3 - O campo lexical personalidade.

Personagens	Lexias	Abonações
Negrinha	Triste criança (02 ocorrências – p. 3 e 6)	“[...] a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.”
	Dolorosa martirzinha (01 ocorrência – p. 7)	“[...] refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.”
	Boba (01 ocorrência – p.7) / Bobinha (02 ocorrências – p. 7 e 9)	“Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”
	Sem jeito (02 ocorrências – p. 7)	“Olhou-a com assombrado espanto, sem jeito, sem animo de pega-la.”
Dona Inácia	Excelente senhora (01 ocorrência – p. 3) / excelente dona Inácia (01 ocorrência – p. 4)	“Excelente senhora, a patroa.”
	Amimada dos padres (01 ocorrência – p. 3)	“[...] dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu.”
	Virtuosa senhora (01 ocorrência – p. 3) / virtuosa dama (01 ocorrência – p. 6)	“Uma virtuosa senhora, em suma [...]”
	Dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral (01 ocorrência – p. 3)	“[...] ‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo.”
	Ótima (01 ocorrência – p. 3)	“Ótima, a dona Inácia.”
	Boa senhora (03 ocorrências – p. 4, 5 e 6)	“[...] a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.”
	Mestra [na arte de judiar de crianças] (01 ocorrência – p. 4)	“A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.”
	Santa Inácia (01 ocorrência – p. 6)	“Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas [...]”
Feroz (01 ocorrência – p. 7)	“Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.”	

Fonte: as autoras (2018).

Neste campo lexical, foram arroladas as lexias que se referem às personalidades de ambas as personagens. Negrinha é descrita, no decorrer do conto, como *triste criança*, traço possivelmente oriundo da vida cativa que levava, ainda que vivesse em uma época em que a escravidão já havia sido abolida. A criança, tratada pela patroa como *coisa* como tratamos anteriormente, perdeu a mãe aos quatro anos de idade e, desde então, foi tolhida de viver em e com liberdade. Sempre à sombra de Dona Inácia, mal podia andar pela casa “com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas [...]” (LOBATO, 1976, p. 4). Detectamos, então, que essa e outras atitudes de Dona Inácia para com Negrinha acarretaram em sua vida infeliz, levando-a ser descrita pelo autor como uma criança triste.

Em consonância com o traço de personalidade retrorreferido, Negrinha é descrita no conto como *dolorosa martirzinha*. Em uma das acepções disponíveis no Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (FERREIRA, 2004), *mártir* é descrito como “pessoa que sofre muito, que padece muito”, significação que devidamente descreve a trajetória da criança no decorrer da história, posto que Negrinha muito sofria nas mãos de Dona Inácia, considerada *mestra na arte de judiar de crianças*, característica conservada da época em que “[...] fora senhora de escravos – e daquelas ferozes [...]” (LOBATO, 1976, p. 4).

Mais ao final do conto, Dona Inácia recebe duas sobrinhas, crianças como Negrinha. A breve convivência entre as três meninas faz com que Negrinha seja caracterizada como *bobinha* e *sem jeito*, traços que decorrem de sua pouca experiência de vida, posto que nunca havia sequer visto uma boneca, não sabia o que era e tampouco sabia como brincar. Essa falta de traquejo fez com que fosse, então, vista pelas outras crianças como boba.

No que tange à Dona Inácia, os adjetivos e expressões que a ela se referem são carregados de significações positivas, ainda que esta praticasse inúmeros atos maldosos contra a criança que criava. No decorrer do texto, a mulher é descrita como ótima, *boa* e *excelente senhora*, *virtuosa dama*. Observamos, então, que os substantivos que já a caracterizam positivamente, como

senhora, *patroa* e *dama*, os quais se destinam a mulheres que ocupam posições importantes na sociedade, em decorrência de sua elevada condição social, aparecem, em diversos momentos, acompanhados de adjetivos que os ressaltam e intensificam. Dona Inácia não é simplesmente *dama*, mas sim *virtuosa dama*, *dama de grandes virtudes apostólicas*, não é apenas *senhora*, mas *excelente senhora*.

Em contrapartida, as descrições referentes à Negrinha no decorrer do conto são usualmente utilizadas em sua forma diminutiva, como em: *carnezinha de terceira*; *mulatinha escura*; *dolorosa martirzinha*; *bobinha*; *pestinha*; e *cachorrinha*. Do ponto de vista morfológico, as lexias referentes à Negrinha – *carne de terceira*, *mulata escura*, *dolorosa mártir*, *boba*, *peste* e *cachorra* – já bastariam para significar a sua submissão e condição de *coisa humana* alinhavada nos seus sentidos que estas qualificações já encerram em si. No entanto, o sufixo diminutivo nestes qualificadores exacerba a condição de subjugada, da pequenez da menina e seu mundo em oposição à sua senhora, levando-nos a inferir uma denotação pejorativa e até mesmo irônica, causando efeito contrário àquele adotado nas descrições de Dona Inácia. Aqui, o conto reafirma os traços negativos atribuídos à personagem, reforçando-os como demasiadamente eram destacados por sua senhora.

Estas características positivas de Dona Inácia são ainda reforçadas quando ela recebe a visita de um padre, para quem reclama da “trabalheira” que a criança dá, e recebe conselhos como “a caridade é a mais bela das virtudes cristãs, minha senhora [...] quem dá aos pobres empresta a Deus” (LOBATO, 1976, p. 6). A forte presença da religiosidade no texto confere ainda à Dona Inácia os atributos de *dama de grandes virtudes apostólicas*, *esteio da religião e da moral*, *amimada dos padres*, em decorrência de sua amizade com eles, e até mesmo *Santa Inácia*. Nessa dupla representação de Dona Inácia, podemos encontrar o lado crítico social de Lobato, que “denuncia de forma categórica um regime desumano que continuava na mentalidade e nos hábitos do senhorio décadas após a Abolição” (CAMARGOS; SACCHETTA, 2008, p. 18).

7 O CAMPO LEXICAL APELIDOS

Quadro 4 - O campo lexical apelidos.

Personagem	Lexias	Abonações
Negrinha	Peste (02 ocorrências – p. 3 e 6) / Pestinha (02 ocorrências – p. 4 e 6)	“Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?”
	Diabo (03 ocorrências – p. 3 e 4)	“Braços cruzados, já, diabo!”
	Coruja (01 ocorrência – p. 4)	“Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinha conta o numero de apelidos com que a mimoseavam.”
	Barata descascada (01 ocorrência – p. 4)	
	Bruxa (01 ocorrência – p. 4)	
	Pata choca (01 ocorrência – p. 4)	
	Pinto gorado (01 ocorrência – p. 4)	
	Mosca morta (01 ocorrência – p. 4)	
	Sujeira (01 ocorrência – p. 4)	
	Bisca (01 ocorrência – p. 4)	
	Trapo (01 ocorrência – p. 4)	
	Cachorrinha (01 ocorrência – p. 4)	
	Coisa ruim (01 ocorrência – p. 4)	
	Lixo (01 ocorrência – p. 4)	
Bubônica (01 ocorrência – p. 4)	“Tempo houve em que foi a <i>bubônica</i> .”	

Fonte: as autoras (2018).

Neste campo lexical, denominado *apelidos*, Dona Inácia não se faz presente, posto que, ao longo do conto, apenas Negrinha é inúmeras vezes apelidada com adjetivos e expressões carregados de valores pejorativos. A relação assimétrica de poder xingar, porque é demonstração de subjugar o outro, se dá de Dona Inácia para a menina, a quem ela “subjuga”.

Logo no início do conto, deparamo-nos com uma passagem em que Dona Inácia intitula a criança de *peste*, ao perguntar “quem é a peste que está chorando aí?” (LOBATO, 1976, p. 3). Identificamos esse traço negativo também na mãe da personagem, enquanto viva, que, possivelmente com medo de represálias da patroa, reprime a menina, chamando-a de *diabo*.

Negrinha, no decorrer da história, recebeu inúmeros apelidos perversos, como: *coruja*, que de acordo

com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2009) possui a acepção informal de “mulher feia”, enquanto em Ferreira (2004) é apresentado como sinônimo de bruxa; *barata descascada*, definida em Ferreira (2004) como “pessoa muito pálida e desbotada”; *bruxa*, expresso em Houaiss (2009) como “mulher muito feia e/ou azeda e mal-humorada” e em Ferreira (2004) como sinônimo de vários outros adjetivos pejorativos, como “bruaca, canhão, carcaça, coruja, cuca, jabiraca, medusa, megera, muxiba, seresma, serpe, serpente, urucaca”; *pata choca*, definido em ambos os dicionários (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009) como mulher gorda, de movimentos vagarosos, caso que acreditamos não se encaixar completamente na descrição de Negrinha, anteriormente referida como *pequena, magra e atrofiada*, provavelmente porque a Inácia não a permitia andar, se movimentar pela casa, era vagarosa; *pinto gorado*, possivelmente em alusão ao significado de *gorar*, expresso em Houaiss (2009) como “estragar, apodrecer”; *mosca morta*, definido em ambos os dicionários (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009) como pessoa apática, sem animação; *sujeira*, expresso em Ferreira (2004) como “imundície, porcaria”; *bisca*, apresentado nos dicionários (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009) como sinônimo de prostituta ou meretriz, bem como pessoa de mau caráter e dissimulada; *trapo*, definido em Houaiss (2009) como “indivíduo de aparência muito cansada, abatida”; *cachorrinha*, provável derivação de *cachorra*, apresentada em Ferreira (2004) e Houaiss (2009) como mulher de mau gênio, de mau caráter; *coisa ruim*, apresentando em ambos os dicionários (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009) como uma variante para *diabo*; *lixo*, definido em Houaiss (2009) como “a camada mais baixa da sociedade; escória, ralé”, lexia que demonstra relação estreita ao campo lexical *condição social*, previamente analisado.

Dentre os apelidos direcionados a Negrinha, apenas *bubônica* carrega significado, de certa maneira, positivo, pois, por não conhecer a definição da palavra, a criança achou-a bonita. Desta maneira, o uso do apelido foi então abolido, conforme expresso no conto, pois a criança “[...] não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste...” (LOBATO, 1976, p. 4).

O CAMPO LEXICAL CASTIGOS

Quadro 5 - O campo lexical castigos.

Personagem	Lexias	Abonações
Negrinha	Cascudos (02 ocorrências – p. 4 e 5)	“Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o imã exerce para o aço.”
	Cocres (03 ocorrências – p. 4 e 5)	
	Beliscões (02 ocorrências – p. 4 e 5)	“Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha [...]” “A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo!” “A vara de marmelo, flexível, cortante: para ‘doer fino’ nada melhor!”
	Puxões de orelha (01 ocorrência – p. 5)	
	Roda de tapas (01 ocorrência – p. 5)	
	Pontapés (01 ocorrência – p. 5)	
	Safanões (01 ocorrência – p. 5)	
Vara de marmelo (01 ocorrência – p. 5)		

Fonte: as autoras (2018).

Neste campo lexical, assim como no retro analisado, a personagem Dona Inácia não se faz presente, uma vez que os castigos eram desferidos por ela em Negrinha. A criança, após ficar órfã de mãe, cresceu sob o rígido e maldoso regime de Dona Inácia, “levada a pontapés” (LOBATO, 1976, p. 4).

Além dos apelidos sempre pejorativos destinados à menina, conforme discutido, os castigos físicos também estiveram sempre presentes, e por este motivo “o corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões” (LOBATO, 1976, p. 4). A patroa, encarregada do papel de cuidá-la, “conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis” (LOBATO, 1976, p. 5). Castigava-a como forma de reduzir a decepção causada pelo novo regime, instaurado após “o 13 de Maio”, em referência ao dia da abolição da escravatura, julgando como indecência a igualdade entre negros e brancos.

Dentre os castigos cotidianamente sofridos por Negrinha, estavam os *cascudos*, expressos em Ferreira (2004) como sinônimo dos *cocres*, sendo ambos definidos como “pancada na cabeça com o nó dos dedos”, e no conto de Lobato (1976, p. 5) apresentados como “mão fechado com raiva e nós dos dedos que cantam no coco do paciente”. Havia também os *puxões de orelha*,

retratados no conto como “o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido” (LOBATO, 1976, p. 5). Na sequência, são descritos os *beliscões*, como “do miudinho, com a ponta da agulha, á torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha” (LOBATO, 1976, p. 5). Completando a variedade de castigos físicos sofridos pela menina, estão a *roda de tapas*, os *pontapés* e os *safanões*, seguidos pela *vara de marmelo* e sua apresentação: “flexível, cortante: para ‘doer fino’ nada melhor!” (LOBATO, 1976, p. 5).

Para além destes castigos, surgia, às vezes, a oportunidade de punições maiores, prontamente aproveitadas por Dona Inácia, tentando “matar as saudades do bom tempo” (LOBATO, 1976, p. 5) em que fora senhora de escravos. Exemplo disto é a história do ovo quente, em que punira Negrinha com a introdução de um ovo quente, recém cozido, em sua boca, amordaçando-a até que o ovo arrefecesse. Tais atitudes, resquícios do sistema social escravista vigente no Brasil por mais de três séculos, interligam este campo léxico-semântico a outros, como o *condição social*, pois comprovavam a dominação e superioridade de Dona Inácia sobre Negrinha.

PALAVRAS FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato (1976), publicado originalmente em 1920 em um livro de contos de título homônimo. Tal análise fundamentou-se em duas teorias linguísticas, a lexical e a estilística, as quais complementaram-se no decorrer no estudo.

Para a construção de nossa análise, inventariamos, a partir do conto supracitado, as lexias simples e compostas que faziam menção às duas personagens centrais da trama, Negrinha e Dona Inácia. Em sequência, as classificamos em cinco campos léxico-semânticos, intitulados *descrição física*, *condição social*, *personalidade*, *apelidos* e *castigos*, e analisamos cada campo separadamente à luz das teorias discutidas, ainda que essas divisões não se satisfaçam plenamente, posto que observamos inter-relações entre eles, em uma zona de significação no plano do discurso.

Nossas análises nos permitiram, então, estabelecer os principais pontos de divergência entre a representação das personagens Negrinha e Dona Inácia. A primeira, criança órfã, filha de uma ex-escrava, é apresentada na obra como uma criança triste, tolhida de suas liberdades por viver em um ambiente extremamente rígido, vítima de castigos físicos e violências psicológicas, reduzida a uma condição de excessiva pobreza, que acarreta consequências físicas em seu corpo magro e atrofiado.

Já Dona Inácia é representada de maneira completamente distinta, uma senhora rica e gorda, possível resultado de uma alimentação farta, não compartilhada com a criança. Ainda que o decorrer da trama deixe evidentes as inúmeras violências que causava em Negrinha, a patroa é classificada como uma pessoa boa, portadora de grandes virtudes e morais profundamente religiosas. Neste ponto, Camargos e Sacchetta (2008, p. 18) expressam que Lobato “[...] aflora o crítico social que expõe a crueldade da patroa endossada pela hipocrisia do vigário”, em alusão à visita do representante religioso à casa de Dona Inácia, que ouve suas lamentações acerca da dificuldade de criar a garota e a encoraja a seguir em frente.

Ao final de nossa análise, pudemos verificar, a partir dos aspectos linguísticos presentes no texto, que o conto se fundamenta, principalmente, nos vestígios deixados pelo sistema escravocrata brasileiro, fortemente difundido e propagado por aproximadamente quatro séculos. Dona Inácia, senhora de escravos que foi, não se conformava com o possível fim da escravidão, advindo da promulgação da lei de número 3.353, popularmente conhecida como Lei Áurea. A mulher, então, “conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis” (LOBATO, 1976, p. 5), utilizando-a para descontar sua frustração ao regime novo.

A relação incontestada das escolhas lexicais e as tramas socioculturais inscritas em *Negrinha* se fez evidente. É imperioso, todavia, ressaltar que o tratamento dado à menina por sua senhora, mais que uma denúncia que as relações instauradas pela escravidão no Brasil não se extinguíram completamente ao 13 de maio de 1888,

traz à tona o olhar atento de Lobato à realidade brasileira, sem que isso signifique que ele a defendesse. Nosso estudo pretendeu demonstrar que, contrariamente, o autor usa sua literatura para denunciar continuidades do sistema escravista para além da Lei Áurea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mayara Aparecida Ribeiro de; AMORIM, Amanda Moreira de; VAZ, Victor Antônio Sanches da Silva; DE PAULA, Maria Helena. Crioulo, mulato e pardo: análise lexical das qualificações aos negros no Brasil oitocentista. In: DE PAULA, Maria Helena; SANTOS, Márcia Pereira dos; PERES, Selma Martines (Org.). **Perspectivas em estudos da linguagem**. São Paulo: Blücher, 2017, v. 1, p. 159-170.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato – Projeto Memória**. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/MonteiroLobato/index2.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, 1987.
- CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato. In: LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- CARDOSO, Elis de Almeida. Escolhas lexicais: a caracterização de personagens femininas no discurso literário. **Revista Linha d'Água**, v. 26, p. 15-28, 2013.
- COSERIU, Eugenio. **Principio de semântica estructural**. Madrid: Editorial Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1977.
- ESTEVEES, Daniel. **A herança africana no Brasil**. São Paulo: Nemo, 2015.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Curitiba: Positivo, 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.
- _____. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- MALHEIRO, Agostinho Marques Perdigão. **A Escravidão no Brasil**. Ensaio Histórico-Jurídico-Social, 1866. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**. 3. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato, o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobrás, 2009.

PARENTE, Maria Cláudia Martins. O domínio da estilística: num convite a pesquisas e criações autônomas. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**. Ano 2, n. 2. Aparecida de Goiânia, 2008.

VASCONCELOS, Beatriz Ávila. **O escravo como coisa e o escravo como animal**: da Roma antiga ao Brasil contemporâneo. Revista UFG. n° 12. 2012.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. **Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no Livro para servir no registro do Caminho Novo de Parati**. 2012. 580 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

OS AUTORES

Amanda Moreira de Amorim é Mestranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Graduada em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Integrante do projeto " Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás " sob coordenação da Professora Doutora Maria Helena de Paula. Membro do GEPHPOR- Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (CNPq- UFG). Foi monitora da disciplina Leitura e Produção Textual (2014-2014) e desenvolveu pesquisas de Iniciação Científica (2015-2016) e Iniciação Tecnológica (2016-2018).
E-mail: amandamoreiradeamorim@gmail.com

Maria Helena de Paula possui Estágio de Pós-Doutorado pela USP. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). É professora da Universidade Federal de Goiás atuando na graduação em ensino, pesquisa e extensão e na pós-graduação como docente permanente no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. É líder da Rede Goiana de Pesquisa e Estudos em “Linguagem, Memória e Cultura” da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e consultora ad hoc da FAPEG, CAPES, CNPq e INEP/MEC.
E-mail: mhp.ufgatalao@gmail.com